

# IMPACTOS AMBIENTAIS DO DESMATAMENTO E EXPANSÃO URBANA NA ILHA DO MOSQUEIRO (BELÉM – PARÁ – BRASIL)

Ana Maria Medeiros Furtado  
Prof. Ms. Adjunto da Universidade Federal do Pará

[amedfurt@ufpa.br](mailto:amedfurt@ufpa.br)

Oscar da Costa e Silva Junior

Graduado em Geografia

[racsogeo@yahoo.com.br](mailto:racsogeo@yahoo.com.br)

## Introdução:

A inadequada ocupação do solo se constitui num dos maiores agravantes das áreas urbanas e de seu entorno. É o que vem ocorrendo com as áreas de expansão do município de Belém, tanto em sua porção continental como nas insulares. Dentre estas, ressalta-se a ilha do Mosqueiro, objeto deste estudo, e a maior das quarenta e três ilhas que circundam a península onde se aloja a cidade de Belém em suas partes oeste, norte e sul, possuindo cerca de 215 Km<sup>2</sup>.

A primeira ocupação pelo colonizador português teve início nas margens da baía do Sol ao norte e nordeste da ilha. São reminiscências desta fase as fazendas Santana na praia do Paraíso, e Conceição, defronte à ilha de Colares, que foram construídas por jesuítas e eram verdadeiros sítios agrícolas.

A partir do século XVIII muitas áreas foram requeridas em grandes lotes chamadas léguas de sesmarias, onde novos sítios e chácaras passaram a fazer parte do casario. A ilha foi também palco da Cabanagem, movimento revolucionário no Pará, cujos redutos dos cabanos se fixaram nas praias do Bispo e Chapéu Virado.

A conquista da orla oeste e a formação do vilarejo a sudoeste, foi uma primeira estruturação do espaço urbano.

O vilarejo que teve a denominação de freguesia de Nossa Senhora do Ó ascendeu à condição de vila em 1875. A valorização do espaço a partir da fábrica de borracha, desencadeou a implantação de infra-estrutura como a praça principal, o mercado, iluminação, igreja e a expansão em direção às praias, etc. Com a ligação interna da ilha por pequenas estradas começou a especulação da classe média emergente, o que se consubstanciou com a ligação de Belém pela via fluvial.

Até os anos 60, a ilha do Mosqueiro, que era ainda considerada um dos subúrbios mais privilegiados de Belém, se manteve pouco urbanizada, com exceção de suas áreas de praias mais próximas, que atraíam a população de veraneio, sobretudo a de classe média alta. Estas ocupavam as mansões da orla, construídas na época áurea da borracha (final do século XIX e início do século XX) em estilo europeu, dado a presença de migrantes franceses, alemães, etc., bem como casas modernas construídas posteriormente por famílias de Belém.

A população rural e fixa da ilha apresentava até a referida década, cerca de 10.000 habitantes, enquanto a grande afluência de veranistas de segunda residência se fazia aos domingos, motivo pelo qual Mosqueiro foi considerado um “banlieu au dimanche” (Penteado, 1968).

Nas férias de Julho, havia maior afluência popular que para lá se destinava, ora alugando casas, ora se abrigando em moradias de parentes habitantes da ilha.

O acesso de 30 km feito por via fluvial ligando a cidade de Belém a Mosqueiro, ao norte tornou-se obsoleto, com a construção da rodovia que aproveitou a

já construída BR-316 a leste, até o município de Benevides ao qual pertenceu, e deste até o furo das Marinhas, onde foi construída a ponte de 1.450 m, para chegar à ilha.

A possibilidade de ligá-la através da ilha de Outeiro foi na época, descartada, no sentido de privilegiar terras pertencentes à elite de Belém, o que justificou a escolha do atual trajeto.

A construção da ponte em 1975, deu ensejo ao grande afluxo da população de baixa renda, e da urbanização legal e clandestina, hoje existente em caráter fixo, e responsável pelos atuais impactos ambientais.

Tais alterações ocorridas no ambiente da ilha, que se revestem de caráter dinâmico, podem ser detectadas através do cotejo entre produtos de sensoriamento remoto no espaço e no tempo, tais como fotografias aéreas, satélites, além de mapas referentes aos assuntos temáticos, os quais têm grandes implicações com os desmatamentos. Embora tenha feito parte da faixa de extração de lenha que incluía outras localidades como Marituba e Benevides (VALVERDE, 1967) para provimento de Belém, tal atividade da população da ilha não a descaracterizou tanto, quanto os impactos atuais.

A cobertura vegetal da ilha chamada popularmente de bucólica representada pelas matas de terra firme, da várzea, e manguezais, vem sofrendo grande interferência antrópica, o que vem desencadeando grandes desequilíbrios em seus ecossistemas.

O estudo pretende mostrar a situação desses desmatamentos, que não tem respeitado as suas vocações: extrativista, de agricultura de subsistência e pesqueira. Sua ocupação desenfreada vem degradando cada vez mais a paisagem, agravada pela especulação imobiliária, o decapeamento do solo e a poluição de sua orla.

### **Localização:**

A ilha do Mosqueiro, cuja denominação provém ora da atividade de moqueio, outrora ali praticada pelos índios Tupinambás seus antigos habitantes, ou de uma vila existente em Portugal com o mesmo nome. Está situada, aproximadamente ao norte da cidade de Belém entre 01°03' e 01° 05' de latitude Sul e entre 48°29' e 48°18' de longitude Oeste (W) de Greenwich.

É limitada pelas baías do Guajará, Santo Antônio e Marajó entre suas porções sudoeste, oeste e noroeste; a norte e nordeste pela baía do Sol e ao sul e sudeste pelos furos do Maguari e das Marinhas (mapa de localização).

Fisiograficamente faz parte do conjunto hidrográfico do rio Pará, o qual é formador das citadas baías, na sua foz, em forma de estuário.

A ilha está voltada em sua parte oeste para a baía de Santo Antônio, possuindo extensa área de praia, que tem continuidade para o noroeste na baía do Sol.

Em termos administrativos faz parte do Distrito de Mosqueiro (Damos), o qual pertence ao município de Belém, integrado também à região metropolitana de Belém (RMB).

### **Metodologia:**

O estudo baseou-se em levantamentos bibliográficos, cartográficos, fotogramétricos, e satelitários, além de observações de campo, e entrevistas com a população residente. O material fotogramétrico disponível de diferentes períodos e escalas adequadas ficou assim distribuído: anos de 1967, 1972, 1977, 1986 e escalas respectivas de 1:10.000, 1:25.000, 1:8.000 e 1:2.000. Os produtos de satélite utilizados até os anos 2005, dão uma visão das transformações ocorridas na ilha.

A bibliografia consultada serviu de subsídio para análise de documentos anteriores, onde se incluem o relatório do Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP) (1979) sobre os Recursos Naturais da área metropolitana de Belém e o Diagnóstico Ambiental da Secretaria de Estado da Indústria, Comércio e Mineração (SEICOM) (1990).

No estudo do quadro natural das décadas de 1960-80 e atual: 1980-2008 foi feita uma síntese temática interdisciplinar, com informações de dados sobre aspectos geológicos, relevo, clima, solos, vegetação e uso.

Na abordagem da análise ambiental, que inclui o conhecimento do meio físico, recursos naturais, e ocupação humana, estes são considerados os elementos do geossistema. Os primeiros considerados como invariantes ainda que imutáveis quanto aos recursos naturais, e como elementos sempre variáveis estão as formas de ocupação do solo, e os tipos e aspectos da cobertura vegetal.

Levando em conta a ação antrópica responsável para o rompimento do equilíbrio do geossistema, tomou-se como apoio o referencial do ano de 1967 com as fotos aéreas mais antigas, até as últimas imagens de satélites de 2005 para uma análise evolutiva dos impactos. A base cartográfica, foi o mapa da folha 1:50.000 da DSG (IBGE) que inclui as áreas críticas em face da retirada da cobertura vegetal, tanto na área praieira da costa oeste, quanto o norte da ilha, como nas áreas interiores, e áreas propensas a processos erosivos, o que mostra a relação holística do relevo com os demais elementos da paisagem.

### **Caracterização Fisiográfica:**

Levando-se em conta o estudo no contexto integrado, a ilha se insere em dois compartimentos topográficos regionais (Projeto RADAM, 1972) que corresponde ao Planalto Rebaixado da Amazônia, e a Planície Fluvial Amazônica. Dentro do contexto morfoclimático, se inclui dentro do domínio das terras baixas equatoriais amazônicas, tendo sua topografia correspondendo aos níveis de tabuleiros, terraços e várzeas característicos das áreas sedimentares terciárias e quaternárias, existentes na mesorregião do nordeste paraense, mais especificamente na microrregião de Belém, onde se insere a ilha em estudo.

Os níveis topográficos variam de 4,30m (nível das várzeas), de 5 a 15m (terraços) e de 16 a 39m dos tabuleiros. Estes três setores representativos constituem os sistemas naturais ou de paisagens. No setor de várzeas incluem a várzea alta e baixa, igapós e a áreas flúvio-marinhas ou manguezais. As primeiras são representativas das planícies de inundação dos cursos d'água: rios, furos e igarapés onde ocorrem depósitos aluviais holocênicos predominantemente argilosos. Nas áreas de manguezais são áreas de acumulação em planícies de maré, com depósitos argilosos e lodosos.

Nas várzeas há o desenvolvimento de Gleissolos álicos e eutróficos recobertos por floresta ombrófila densa aluvial com dossel emergente ou uniforme, que se diferenciam segundo os tipos de várzea alta, baixa ou igapó.

Nas várzeas flúvio-marinhas ou planícies de maré, com manguezais, estão presentes os Gleissolos salinos, os Solonchacks, e eventuais tijucos (sedimentos atoladiços).

As áreas de terra firme são representadas pelos tabuleiros insulares, planos e vertentes rampeadas (SEICOM, 1990). São os mesmos desenvolvidos sobre coberturas sedimentares de idade pleistocênica pouco ou bastante pedogenizadas. São tidos como modelados de aplainamento, que são correlacionados ao Pediplano conservado inumado. Possuem Latossolo amarelo álico, textura média, bem como solos Petroplínticos, além de Podzol hidromórfico, textura arenosa (VIEIRA, 1971).

Os planos e vertentes em rampas de fracos declives, compreendem o modelado de aplainamento retocado e desnudado desenvolvidos em sedimentos siltico-arenosos ou argilo-arenoso, apresentando níveis conglomeráticos laterizados, onde estão presentes os solos Petroplínticos.

Em ambos os compartimentos desses sistemas ambientais da terra firme, está presente a Floresta ombrófila densa das terras baixas, onde árvores de várias alturas mostram a exuberância da floresta amazônica, algumas com cerca de 50m, copas emergentes, cuja composição florística é bastante variada, e que se repetem às vezes em função da fertilidade do solo.

Em relação às praias, estas estão relacionadas ao desgaste das falésias fluviais provocadas pelas ondas de maré. A cobertura vegetal é escassa, ocorrendo o ajuru e o murici etc.

Acerca do condicionamento aos fatores tectônicos com a ocorrência de basculamentos, estes foram responsáveis pela diferenciação de áreas inundáveis de natureza argilosa nas partes rebaixadas, e das arenosas nas partes soerguidas.

A rede hidrográfica é formada por rios furos e igarapés. Dentre os rios destaca-se o Pratiquera que deságua na baía de Guajará, tendo como afluente o rio Murubira à margem direita, além do igarapé Tamanduá. Na margem esquerda recebe o igarapé Curuatu; o rio Mari-Mari, que desemboca no furo do Maguari, o Sucurijuquera que deságua na baía do Sol; já os furos Pirajuçara e Bacabeira vertem para o furo das Marinhas, enquanto os igarapés Santana, Cajueiro e Carananduba vertem respectivamente para a baía do Sol, e para a praia do mesmo nome.

O clima da ilha de Mosqueiro é o mesmo de Belém: tipo Afi, caracterizando-se como equatorial, super úmido, sem estação seca, com períodos chuvosos de dezembro a maio e menos chuvoso de julho a novembro cuja pluviosidade fica em torno de 2.800mm anuais. Quanto à temperatura possui a média de 27°C cuja amplitude térmica está em torno de 6° (classificação de Koppen).

Em relação ao balanço hídrico apresenta aproximadamente um excedente de 1.342mm e uma deficiência de água no solo de apenas 26mm que ocorre nos meses de setembro e outubro.

Quanto aos aspectos paleogeográficos a paisagem atual é fruto de mudanças ambientais que inserem as alterações climáticas referentes às glaciações, e períodos interglaciais que afetaram o hemisfério norte do planeta, desde o período Pleistoceno ao Holoceno. Durante as fases glaciais as baixas latitudes sofreram a incidência de climas mais secos e abaixamento do nível do mar, enquanto nas fases interglaciais corresponderam aos climas úmidos como o atual, o que associa tanto a formação das terras firmes, quanto das várzeas a esses períodos de flutuações climáticas ou glacioeustáticos. Por outro lado, os fenômenos tectônicos explicam a presença da ilha destacada do continente, como ocorreu também com a de Caratateua e demais ilhas que se encontram próximas e se enquadram como ilhas antigas.

Isso justifica os sistemas ambientais das várzeas e terras firmes, com suas peculiaridades onde estão inseridas as coberturas vegetais em suas interrelações com os outros elementos do meio físico.

Quanto à estrutura e dinâmica sócio-econômica, que muito tem a ver com a ocupação humana, houve todo um processo histórico relacionado com a capital Belém.

Quanto aos sistemas antropogênicos, estes são definidos pela zona urbana já consolidada, e pela zona urbana em formação ou expansão. Por fazer parte de Belém como distrito, a primeira zona já não possui evidências do quadro natural, que já

contempla edificações, arruamentos, infra-estrutura, saneamento, transporte, atendimento à saúde, escolas etc.

Nas áreas ainda de expansão, existem áreas ainda planejadas com condições de infra-estrutura incipiente ou nenhuma. É o caso das invasões em sua ocupação desordenada ora residencial, ou de uso múltiplo.

Em relação ao uso, as áreas se enquadram nos sistemas naturais, onde estão presentes a vegetação primária, enquanto na secundária se pratica o extrativismo vegetal, onde riscos ambientais são ainda de qualificação muito baixos. A agricultura de subsistência possui um risco baixo a moderado, enquanto a comercial apresenta riscos mais altos, e as áreas de solo exposto, são as mais vulneráveis.

Nas zonas urbanas ou em formação, que se caracterizam por outras formas de apropriação e uso do espaço, os riscos são caracterizados como: de muito alto a críticos, onde o uso indiscriminado já se faz sentir intensamente.

### **Os impactos decorrentes dos desmatamentos:**

O acompanhamento feito pelos produtos do Sensoriamento remoto em aproximadamente 40 anos, revelam que os impactos sobre a ilha do Mosqueiro não respeitaram as suas potencialidades de uso da terra. Isso se visualiza pelas transformações ocorridas durante o período 1967-2007, tomado como referência.

Os desmatamentos causaram grandes impactos sobre os solos, e corpos hídricos, que tiveram suas margens desmatadas, e na fauna em geral, ameaçada de extinção. São os mesmos feitos a cortes rasos, com a destruição da floresta nativa afetando os sub-bosques, a prática de queimadas, a extração de árvores e a construção de caieiras para carvão vegetal. O mais grave é o desflorestamento em áreas de preservação permanente, que tem sido detectadas, as quais não obedecem nenhuma das advertências do órgão oficial local e que segundo a Seccional Urbana, a mesma já autuou os infratores por crimes ambientais.

O crescimento demográfico que aumentou de maneira relativamente expressiva, hoje apresenta uma população fixa de mais ou menos 30 mil habitantes, o qual peca pelas condições das habitações precárias, onde se agravam os problemas sociais.

Inexiste uma política de ocupação do solo, ou que não é cumprida, dado que a retirada da cobertura vegetal para novas construções, além da utilização da madeira, inserem-se em áreas não disponíveis, em sua fragilidade ambiental.

Pelas condições fisiográficas da ilha, a mesma se apresenta pródiga em material de construção, como sucede com a mesorregião a que pertence. Retira-se argila, areia, barro amarelo e laterita (pedra preta), etc., o que nos últimos 30 anos tem levado ao decapeamento excessivo do solo, o que concorre para a perda do registro edafoestratigráfico. Há também a formação de lagoas pelo afloramento do lençol freático, a desperenização e poluição dos igarapés, furos e rios o que induz a doenças de conduto hídrico.

Há uma visão nítida das áreas, ainda revestidas pela cobertura vegetal, da terra firme e várzea, a primeira bem mais comprometida.

Tal fitofisionomia já se encontra muito diferente dos anos 60, onde coberturas remanescentes se alteram com capoeiras e cultivos, sobretudo às margens de estradas e caminhos.

A floresta densa de terra firme, já se acha escassa na ilha, assentada em área plana sobre Latossolos amarelo, que ao ser desmatada e em face do clima quente úmido com pluviosidade elevada, sofre lixiviação, cujo solo se torna extremamente ácido.

Já o desmatamento da várzea em solo argiloso e mais fértil não se torna tão desastroso, como nos solos arenosos de terra firme (LIMA, 2001). Isso se justifica pela maior recuperação das várzeas com a fertilização do solo pelas enchentes normais.

No uso e ocupação do solo, há trechos em que a floresta foi substituída pelas plantações homogêneas de coco e seringueira, que ficaram estagnadas, em virtude de problemas fitopatológicos. Há muita produção de lenha e carvão, bem como extração de madeira e são poucas as práticas silviculturais, onde nunca se praticou os sistemas agroflorestais.

Dentre as culturas de subsistências estão o feijão, milho, mandioca e arroz, que embora com técnicas primitivas, e o fato de se realizarem em áreas restritas não causam a grande degradação que se processa nas monoculturas comerciais.

A preocupação com as invasões clandestinas de migrantes e posseiros, estes vendedores de lotes, redundou no grande desmatamento hoje existente.

Com vistas a desenvolver o potencial ecológico com o ecoturismo interiorizado, foi criado o Parque Ecológico da ilha do Mosqueiro, com objetivo de sua preservação, manutenção e restauração, projeto esse, definido pelo Plano Diretor do município de Belém.

A delimitação do Parque foi revista, face à existência de terrenos com títulos dentro do mesmo, como também de ocupação clandestina pela existência de mais de uma dezena de famílias, que deveriam ser remanejadas com indenização.

Mas os resultados da criação do Parque não foram promissores, em virtude do desentendimento entre as comunidades locais, e dentro da própria trilha Olhos D'Água, já existe desmatamentos.

O lazer de 2ª residência outrora realizado por proprietários de classe média arrefeceu, e com ele a desvalorização da orla oeste com a poluição das praias.

Começa a haver privatização de espaços por parte de empresários e donos de casas de material de construção.

O norte da ilha passa a ser valorizado, como é o caso do hotel fazenda Paraíso o que denota a dinâmica do processo de construção do espaço.

Enquanto isso, os assentamentos se sucederam. Segundo a SECTAM, que elaborou o relatório em 2006, as famílias que invadiram o Parque detêm uma precária qualidade de vida, onde grande parte dos invasores tem residência e ocupação física. Uns moram na própria ilha, e outros em cidades vizinhas como Santa Isabel e Castanhal. O objetivo dessas invasões é ganhar dinheiro, com a venda de lotes, após a retirada e comercialização da madeira, ou obtenção de favores do Incra.

O relatório da SECTAM foi endereçado a todos os organismos governamentais como a SESMA, IBAMA, Polícia Ambiental, Agência Distrital do Mosqueiro, ITERPA, Patrimônio da União e Delegacia do Meio Ambiente e Ministério Público.

O relatório concluiu que as invasões são responsáveis pelos grandes danos ao meio ambiente, e urgem providências perante o Poder Judiciário para retirada dos invasores, os quais constituem uma ameaça ao futuro da ilha, que hoje desponta com o desenvolvimento turístico.

Hoje, cogita-se o projeto de interligação litorânea da área continental de Belém com a ilha do Mosqueiro.

Em conversa com moradores fixados na ilha, estes são unânimes em afirmar que a mesma está passando por um processo caótico de urbanização, não só permanente através da migração, que ora se manifesta, como do “turismo” e veraneio.

Nas férias, há uma grande leva de população que para lá se desloca, onde o fluxo de veículos é muito grande por parte da classe média. A população de baixa renda utiliza os ônibus da linha Beiradão, bem como do transporte alternativo (vans).

Os dias mais movimentados das férias são os fins de semana, o que também sucede nos feriados prolongados. Há uma afluência muito grande dos veranistas que dormem nas praias, e as poluem consideravelmente. São esses chamados de farofeiros, pela alimentação que consomem sem faltar a farinha d'água, complemento indispensável à refeição.

Os moradores mais antigos reclamam dos assaltos constantes as suas residências, sobretudo quando não estão ocupadas nas férias, e onde a violência tem-se manifestado bastante.

Nos desmatamentos, aos quais se sucedem ocupações ilegais, são constantes os acampamentos às margens da estrada, PA-391 (rodovia Augusto Meira Filho). Uma das invasões que se efetivou, foi entre a ponte do rio Mari-mari e a rua Cavaleiro de Macedo, havendo inclusive ocupação de fazendas particulares próximo ao rio Sucurijuquara.

Alguns ocupantes além de se apossarem ilegalmente da área, desmatam as margens da estrada, demarcam seus territórios com barracas de lona, e começam a surgir grandes clareiras.

Em geral cada área ocupada é de 25m<sup>2</sup>. Escavam poços, fazem roçados e se alimentam da própria fauna silvestre, sobretudo de macacos.

As invasões têm nomes como é o caso da João Coragem, Baiano, irmã Doroty, e mesmo com o enquadramento nas leis ambientais, segundo o jornal O Liberal (dez/2006) de que Mosqueiro está na mão da justiça, as invasões progridem a olhos vistos.

### **Conclusões:**

Diante do quadro apresentado é preciso que se promova as seguintes medidas em prol do desenvolvimento, e não só do crescimento da ilha:

- Conscientização da população sobre a preservação e conservação ambiental.
- Dar responsabilidade aos órgãos públicos para fiscalização e cumprimento das leis, inseridas nos Código Florestal, Código de Água e de Mineração, etc.
- Promover ações aos infratores no âmbito municipal e estadual.
- Realizar o Zoneamento Ecológico-Econômico da ilha, para sua auto sustentabilidade e através da ilha de Caratateua.
- Estabelecer a integração e o desenvolvimento urbano de Belém, pelo anel viário metropolitano e dos municípios da região metropolitana, cujo percurso será reduzido em 30km com tarifa mais barata, e acesso mais rápido para o Marajó, incluindo um terminal intermodal rodofluvial.
- Resguardar o sistema fluvial das ilhas, através do manejo de suas bacias hidrográficas.
- Evitar que o turismo de massa e o veraneio não poluam as praias.
- Enfim gerenciar através dos sensores se o índice de desmatamento tende a aumentar ou sofrer redução.

**Referências:**

LIMA, Rubens Rodrigues; TOURINHO, Manoel Malheiros; COSTA, José Paulo Chaves da. **Várzeas flúvio-marinhas da Amazônia brasileira; características e possibilidades agropecuárias.** Belém: FCAP. Serviço de Documentação e Informação, 2001. 342 p.

**Mosqueiro está nas mãos da justiça.** Jornal O Liberal. 19/12/2006.

PARÁ, IDESP (1980). **Reconhecimento dos recursos naturais da região metropolitana de Belém.** Belém, Convênio Seplan/Codem/Idesp 82. p. Anexos.

PARÁ, SEICOM/IBGE. **Planos e direitos de mineração em áreas urbanas.** Região metropolitana de Belém e adjacências: projeto estudo do meio ambiente em sítios de extração de materiais de construção na região Belém – Benevides, Estado do Pará, relatório final. Belém. 1995. 157 p.

PENTEADO, Antônio Rocha. **Geografia urbana de Belém.** Universidade Federal do Pará, volume II. Belém, 1968.

PROJETO RADAM. **Folha SA – 22.** Belém, 1972.

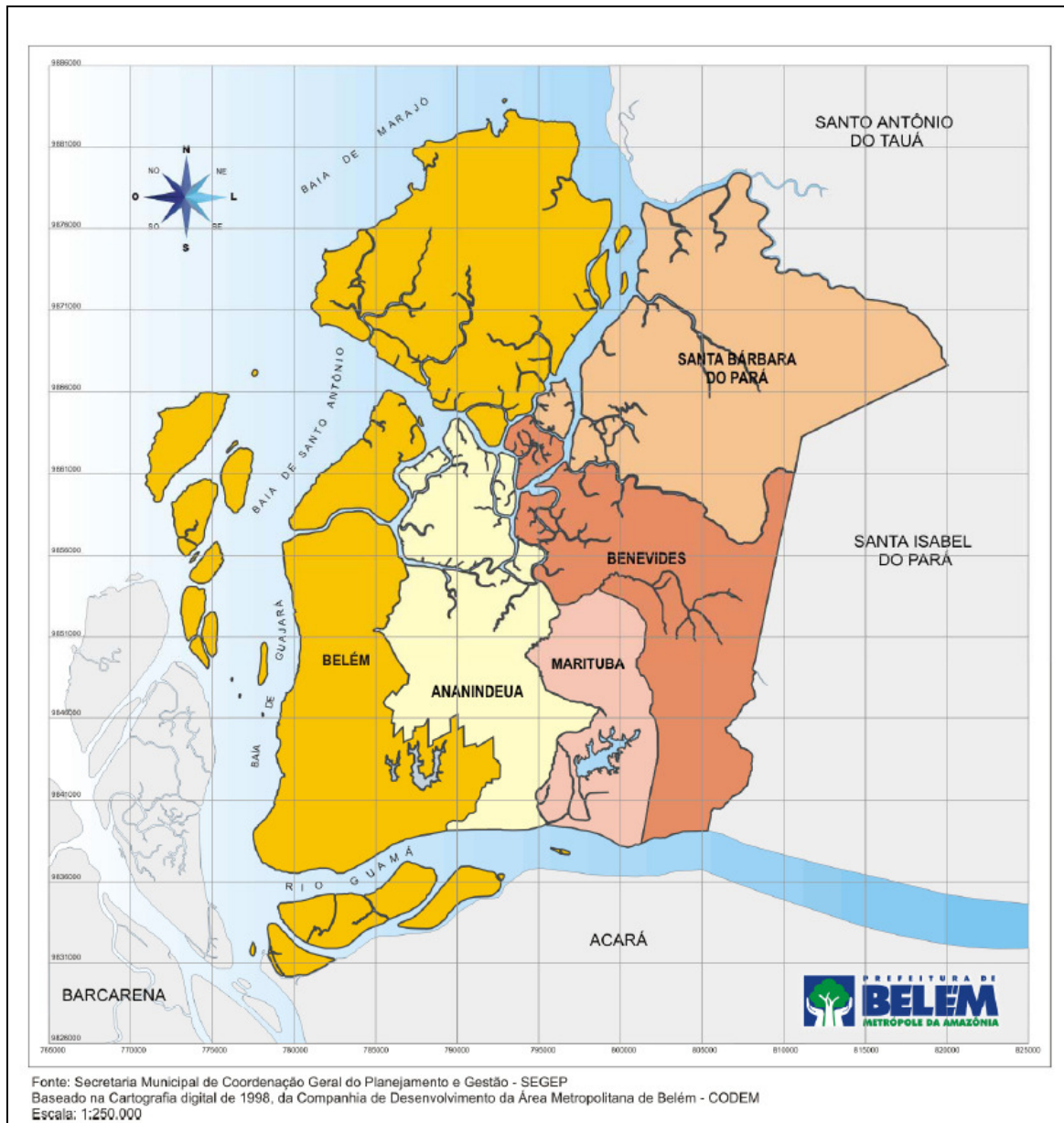
VALVERDE, Orlando e DIAS, Catarina Vergolino. **A rodovia Belém-Brasília.** Rio de Janeiro. IBGE, 1967.

VIEIRA, Lúcio Salgado; et alii. **Os solos do Estado do Pará.** Belém, Instituto do Desenvolvimento Econômico Social do Pará, 1971.

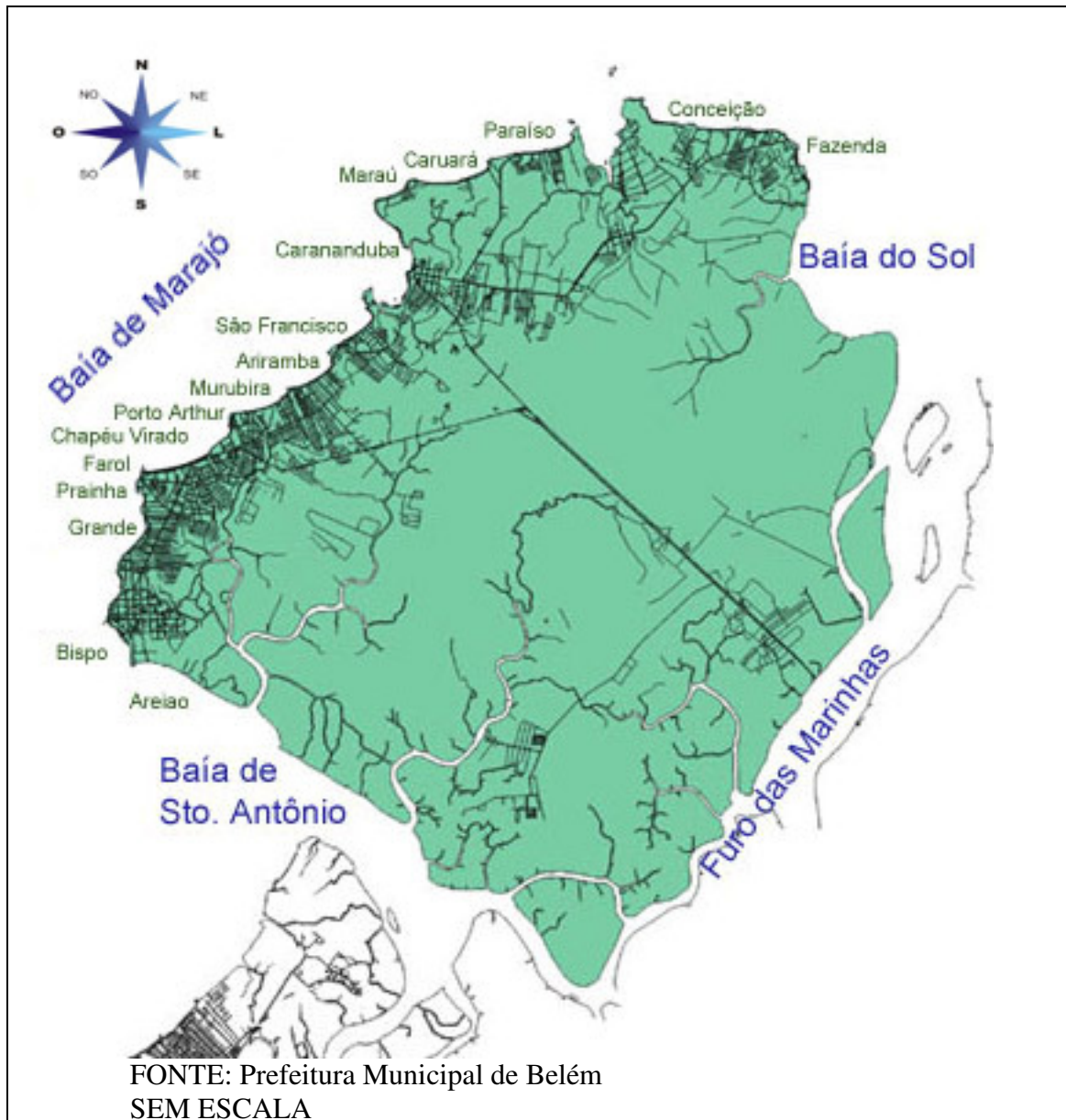


## Anexos:

### LOCALIZAÇÃO 1:

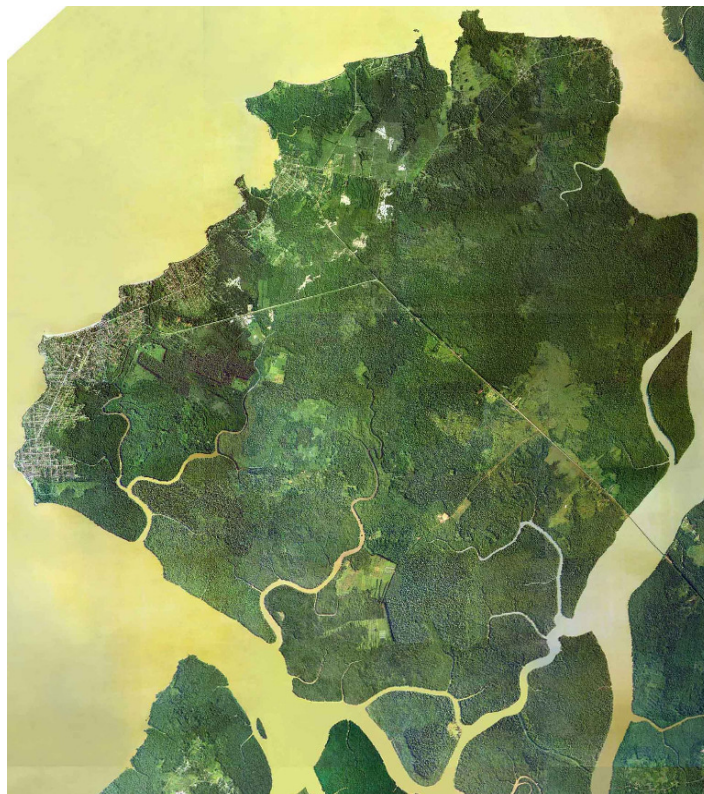


LOCALIZAÇÃO 2:



IMAGENS AÉREAS:

ORTOIMAGEM – LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO 1998



FONTE: Prefeitura Municipal de Belém  
SEM ESCALA

ORTOIMAGEM – LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO 1997



FONTE: Companhia de Habitação do Estado do Pará – COHAB  
SEM ESCALA